

III CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE O PENSAMENTO DE
PAUL RICOEUR

Santiago do Chile, 20 a 22 de março de 2013

PUC-Chile e Universidad Alberto Hurtado

Sexta-feira: 22 de março de 2013

VISITANDO O CORAÇÃO DOS CONFLITOS VIVIDOS NA ESPERANÇA:
EXCURSO SOBRE O CONCEITO DE IDEOLOGIA EM PAUL RICOEUR

MANOEL CORACY SABOIA DIAS

Professor Adjunto 4 da Universidade Federal do Acre (Brasil)

Membro Ordinário do Círculo de Fenomenologia e Hermenêutica de

Santa Fé – Paraná (Argentina)

*“Existe um lugar não ideológico, de onde
seja possível falar cientificamente da
ideologia?”¹*

RESUMO

O presente trabalho retoma o conceito de ideologia em Karl Marx e aborda seu desdobramento na hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur. Com vistas a esse fim, buscar-se-á examinar, preliminarmente, os

¹ RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Tradução e apresentação Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 75. Em 2008, essa obra foi publicada sob o título de *Hermenêutica e ideologias*, editado pela Vozes, Petrópolis, RJ.

fundamentos básicos para uma leitura da Teoria da Ideologia em Marx: suas raízes e temática. Em seguida, tratar-se-á do conceito de ideologia enquanto superação de uma interpretação redutora danosa entre a “explicação” e a “compreensão” do fenômeno ideológico, a partir da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur. Em linhas gerais, a intenção não é “descrever” o fenômeno ideológico em termos de classes sociais e de classe dominante, mas, sim, chegar ao conceito de ideologia que corresponda a essa análise, mais do que a partir dela, “cruzando” o marxismo, sem “seguir-lo” nem tampouco “combatê-lo”, haja vista que não se vive sem conflito, nem tampouco no conflito a todo preço, mas no “coração mesmo dos conflitos vividos na esperança”.

PALAVRAS-CHAVE: Marxismo; Teoria da Ideologia; Filosofia Francesa Contemporânea; Hermenêutica; Paul Ricoeur.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho retoma o conceito de ideologia em Marx, em suas linhas gerais, e aborda seu desdobramento no pensamento filosófico contemporâneo a partir de Ricoeur. Com vistas a esse fim, buscou-se a examinar, preliminarmente, os fundamentos básicos para uma leitura da Teoria da Ideologia em Marx: suas raízes e temática. Em seguida, uma nova abordagem da Teoria da Ideologia no pensamento filosófico contemporâneo enquanto reconstrução. Destarte, privilegia-se o projeto filosófico de Ricoeur. Tal projeto visa, essencialmente, superar uma interpretação redutora do fenômeno ideológico e indicar alguns critérios para compreendê-lo e explicá-lo.

Nesta perspectiva, não seria outra a metodologia: cruzar Marx, sem segui-lo nem tampouco combatê-lo, isto é, não compreender o fenômeno ideológico a partir de uma análise em termos de classes sociais e de classes dominantes, exclusivamente, mas chegar ao conceito de ideologia que corresponda a essa análise, mais do que a partir dela. Esse será o modo de “cruzar” o marxismo, haja vista que não se vive sem conflito, nem tampouco no conflito a todo preço, mas no “coração mesmo dos conflitos vividos na esperança”.

Procederei em duas etapas, a saber: primeira, *Fundamentos da Teoria da Ideologia em Karl Marx*; segunda, *Elementos para reconstrução da Teoria da Ideologia em Paul Ricoeur*.

1. FUNDAMENTOS DA TEORIA DA IDEOLOGIA EM KARL MARX

Na “Ideologia Alemã”, Marx e Engels defendem de maneira repetida que “a consciência não pode ser mais que a existência consciente, e a existência dos homens é seu processo efetivo de vida”.² Assim, “são os homens que ao ampliar sua produção material e suas relações materiais, modificam, junto com sua existência real, seu pensamento e os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, senão a vida que determina a consciência”.³

Alguns anos mais tarde, o mesmo Marx insistirá, com uma breve variação, nessa idéia, destacando assim a importância deste princípio em sua concepção geral: “o modo de produção da vida material determina o

² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *The German Ideology*. Third revised edition., Moscow; Progress Publishers, 1976, p. 42. Cotejada com: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Presença, Lisboa; São Paulo: Martins Fontes, [S.d.].

³ *Idem*, p. 29.

caráter geral dos processos da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o ser, ao contrário: seu ser social determina sua consciência”.⁴

Devemos evitar, desde já, uma compreensão mecanicista deste princípio. Não se trata de uma determinação total qual ocorre com a existência tendo seu correlato direto e imediato na consciência. Não se tratará de que cada elemento da consciência tenha seu equivalente, uma “causa” particular, na existência. Tal interpretação do princípio seria absolutamente incoerente com a concepção totalizadora que o materialismo tem sobre a existência. Assim, mediria a existência e, ademais, se retornaria ao dualismo em que a existência e consciência são de algum modo, mundo à parte, só que agora vinculado por um princípio de causalidade. O modo como se deve entender esta determinação depende da concepção da existência como totalidade completa.

Chegamos ao limiar da teoria marxista da ideologia – a ideologia enquanto inversão da realidade. Considerando-se, preliminarmente, que a ideologia representa uma “falsa consciência”, esta falsa consciência segue sendo uma expressão da existência. Apresenta-se assim uma aparente antítese. Por uma parte, a ideologia deforma a realidade, a adulteração na consciência; por outra parte, expressa tal realidade, desta forma, o conteúdo ideológico apresenta uma captação da realidade; não se crê a partir do nada; mas ao mesmo tempo, por seu intermédio o objeto é distorcido, ocultado e negado. Essa antítese a respeito da ideologia e o duplo aspecto que encerra – a captação do real e adulteração dele – requer aprofundar mais a natureza das formas ideológicas. Como é possível que na ideologia se dêem ambos os aspectos? Ele se explica como já se disse, o adúlteramento que a ideologia

⁴ MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*. Tradução Maria Helena Barreira Alves. Lisboa: Estampa, 1977; São Paulo: Mandacaru, 1989, p. 28-29.

apresenta não é exclusiva criação de uma realidade, mas uma inversão da realidade.

A ideologia é a inversão – a consciência de que os homens são realmente – de sua realidade social. Assim, Marx e Engels entenderam a natureza da ideologia, comparando o processo que ela se dá com a inversão dos objetos na “câmara escura” e na “retina” ⁵, além do mais a inversão ideológica não é um fenômeno arbitrário da vida humana.

Portanto, uma das formas de inversão que mais diretamente expressa esta transformação ideológica é a de que se realiza entre consciência e existência. Tal forma pode-se analisar a partir da crítica que Marx e Engels fizeram da filosofia alemã pós-hegeliana, a qual efetuava uma inversão muito análoga a dos objetos na retina. Esta filosofia pretendia explicar o desenvolvimento histórico pelo desenvolvimento da consciência e a evolução das **ideias** que era o espírito reto de cada época; Daí Marx e Engels dizerem que tal filosofia “desce do céu a terra”. ⁶ Neles, a formação ideológica (moralidade, religião, metafísica etc.) tem a aparência de existir autonomamente. ⁷

Todavia, a ideologia tem um papel político que consiste em tentar impor ao conjunto da sociedade um modo de vida. A mesma forma de inversão que acabamos de analisar, segundo o pressuposto de que a consciência que tem sido projetada ao passado, pode-se considerar agora por outro ângulo, estudando o que adota quando as que se projetam no passado são as estruturas econômico-sociais. Ele nos permitiria chegar ao exame específico da ideologia do capitalismo. Não se trata então da crítica da ideologia alemã, mas, sim, da ideologia social burguesa.

⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Op.cit.*, p. 42.

⁶ *Idem, ibidem.*

⁷ *Idem, ibidem.*

2. ELEMENTOS PARA RECONSTRUÇÃO DA TEORIA DA IDEOLOGIA EM PAUL RICOEUR

Ricoeur percebeu que todo o pensamento contemporâneo tornou-se interpretação. Seu objetivo é atingir e formular uma teoria de interpretação do ser. Porém, há um problema crucial: a interpretação redutora do fenômeno ideológico e a ausência de um projeto coletivo. Aqui está sua originalidade que o situa na continuidade e na ruptura.

Contudo, desafia a si mesmo a realizar algo mais: o “cruzamento” do marxismo na sua nova abordagem da Teoria da Ideologia, pois, “a ideologia é sempre mais que um reflexo, na medida em que também é justificação e projeto”.⁸ Mas, como a ideologia consegue preservar seu dinamismo? Ora, toda ideologia é simplificadora e esquemática: “ela é uma grelha, um código, para se dar uma visão de conjunto, não somente do grupo, mas da história e, em última instância, do mundo”⁹, isto é, esse caráter “codificado” de ideologia é inerente a sua função justificadora”¹⁰. Assim sendo, “a ideologia é, por excelência, o reino dos ‘ismos’: liberalismo, socialismo etc.”¹¹

Essa situação inédita da ideologia demonstra o seu caráter dóxico, pois,

o nível epistemológico da ideologia é o da opinião, da *doxa* dos gregos. Ou, se preferimos a terminologia freudiana, é o momento da racionalização. É por isso que ela se exprime preferencialmente por meio de máximos, de slogans, de fórmulas lapidares. Também

⁸ RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, p. 69.

⁹ *Idem, ibidem.*

¹⁰ *Idem, ibidem.*

¹¹ *Idem, ibidem.*

é por isso que nada é mais próximo da retórica – arte do provável e do persuasivo – que é a ideologia.¹²

Aqui começa a se precisar os caracteres negativos geralmente vinculados a ideologia. Consiste no seguinte: “o código interpretativo de uma ideologia é algo mais em que os homens habitam e pensam do que uma concepção que passou a expressar”¹³; em outras palavras, é “uma ideologia operatória, e não temática”¹⁴, porque opera através de nós, mais do que possuímos como um tema diante de nossos olhos”¹⁵; por conseguinte, “é a partir dela que pensamos mais do que podemos pensar sobre ela”.¹⁶

Desta forma, “a possibilidade de imagem invertida de nossa própria posição na sociedade, procede dela”¹⁷ porque indica-nos que a “não-transparência de nossos códigos culturais seja uma condição da produção das mensagens sociais”.¹⁸ Aqui, verificaremos claramente o estatuto negativo da ideologia que a configura como um “enclausuramento” e uma “cegueira”, haja vista o estreitamento do campo de referência, assim como os das possibilidades de interpretação que pertence ao élan inicial. Indiscutivelmente, é totalmente impossível que a tomada de consciência se efetue de outra forma que não através de um código ideológico (lingüístico) significativo. Todavia, “a ideologia fica afetada pela esquematização intelectual que ela se vincula: ao deixar-se afetar, ela se sedimenta, enquanto mudam os fatos e situações. É esse

¹² *Idem, ibidem.*

¹³ *Idem, p. 70.*

¹⁴ *Idem, ibidem.*

¹⁵ *Idem, ibidem.*

¹⁶ *Idem, ibidem.*

¹⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁸ *Idem, ibidem.*

paradoxo que nos leva ao limiar da função tão enfatizada de dissimulação”¹⁹.

Ricoeur atinge desta forma, o segundo conceito de ideologia, ao afirmar que “a função de dissimulação é claramente predominante quando se produza conjunção entre função geral de integração, analisada até agora, e a função particular de dominação”.²⁰ Em outras palavras, “o que a ideologia interpreta e justifica, por excelência, é a relação com as autoridades, o sistema de autoridade”.²¹

Para explicar esse fenômeno, Ricoeur recorre às conhecidas análises de Weber concernentes a autoridade e a dominação. Toda autoridade busca legitimar-se, por conseguinte, os sistemas políticos se diferenciam de acordo com seu tipo de legitimação. Esse conceito de ideologia está intimamente ligado ao precedente, na medida em que o fenômeno da autoridade é co-extensivo a constituição de um grupo: “o ato fundador de um grupo, que se representa ideologicamente, é político em sua essência”.²² Porém, o que preocupa aqui é o fenômeno do “acavalamento político”, haja vista que “cada poder imita e repete um poder anterior: todo príncipe quer ser César, todo César que ser Alexandre, todo Alexandre quer helenizar um déspota oriental”.²³

Por conseguinte,

é quando o papel mediador da ideologia encontra o fenômeno de dominação que o caráter de distorção e de dissimulação da ideologia passa ao primeiro plano. Contudo, na medida mesma que a interpretação de um grupo jamais se reduz por completo ao fenômeno da

¹⁹ *Idem, ibidem.*

²⁰ *Idem, p. 72.*

²¹ *Idem, ibidem.*

²² *Idem, ibidem.*

²³ *Idem, p. 69.*

autoridade e da dominação, todos os traços das ideologias, que referimos a seu papel mediador, tampouco passam para a função da dissimulação a qual, com frequência, reduzimos a ideologia.²⁴

Enfim, chegamos ao conceito propriamente marxista tal como já fora exaustivamente examinado anteriormente. Este conceito ganhará um realce especial se o integrarmos aos dois precedentes: primeiro, ao conceito de ideologia na sua função social; e, segundo, ao conceito de ideologia enquanto dominação.

O que ele traz de novo? Essencialmente é a idéia de uma distorção, de uma deformação por inversão.

Segundo Marx “se, em toda a ideologia os homens e suas relações nos aparecem situados com a cabeça para baixo, como numa câmara escura, este fenômeno decorre de seus processos de vida histórica, absolutamente como a inversão dos objetos sobre a retina decorre de seu processo de vida inteiramente físico”.²⁵ Isso significa, segundo Ricoeur, que “se há inversão, é porque certa produção dos homens, enquanto tal é inversão”.²⁶

Nesse contexto, Marx segue Feuerbach admitir que a religião não seja um exemplo de ideologia, mas a ideologia por excelência, pois, “é ela quem opera a inversão entre o céu e a terra, e que faz os homens andarem de cabeça para baixo”.²⁷

²⁴ *Idem*, p. 72-73.

²⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Op. cit.*, p. 42.

²⁶ *Idem*, p. 73.

²⁷ *Idem*, p. 42.

Segundo Ricoeur:

o que Marx tenta pensar, a partir desse modelo, é um processo geral pelo qual a atividade real, o processo de vida real, deixa de constituir a base, para ser substituído por aquilo que os homens dizem, se imaginam, se representam. A ideologia é esse menosprezo que nos faz tomar a imagem pelo real, o reflexo pelo original.²⁸

Mas, segundo Ricoeur, “a tese marxista se aplica, de direito, a todo sistema de pensamento, possuindo a mesma função”.²⁹ É somente nesta perspectiva que Horkheimer, Adorno, Marcuse, Habermas e toda a escola de Frankfurt, perceberam também que a ciência e a tecnologia, em certa fase da história, podem funcionar como ideologia. O que acontece em relação à religião, é suscetível de repetir-se com a ciência e com a tecnologia, se somente se, mascararem por detrás de sua pretensão a cientificidade, sua função relativamente ao sistema militar-industrial do capitalismo avançado, engendrando dessa forma o neoconflito.³⁰

Essa possibilidade já denunciada, particularmente, por Habermas, da Escola de Frankfurt, uma nova estratégia de emancipação³¹.

Todavia,

essas conseqüências secundárias não devem levar-nos ao esquecimento da tese fundamental que domina essa

²⁸ RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, p. 73.

²⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Op. cit.*, p. 646.

³⁰ Cf. RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, p. 75.

³¹ Cf. HABERMAS, Jürgen: *Técnica e ciência enquanto ideologia*. Tradução Zejiko Loparić e Andre Maria Altino de Campos Loparić. In: Benjamin, Walter et. al. *Textos escolhidos*. Tradução José Lino Grünnewald et al. 2. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983, (Coleção Os Pensadores).

primeira parte, a saber: que a ideologia é um fenômeno insuperável de existência social, na medida em que a realidade social sempre possui uma constituição simbólica e comporta uma interpretação, em imagens e representações, do próprio vínculo social.³²

Concomitantemente – adverte-nos Ricoeur – o “segundo problema é posto em toda sua acuidade: qual o estatuto epistemológico do discurso sobre a ideologia”? Existe um lugar não ideológico, de onde seja possível falar cientificamente da ideologia?³³

Ou seja, existe um ponto de vista a respeito da ação que seja capaz de escapar à condição ideológica de conhecimento engajado na práxis? Isso leva admitir com muita facilidade que o homem é isento da tara que ele denuncia: “a ideologia é o pensamento de meu adversário; é o pensamento do outro. Ele não sabe, eu, porém, sei”³⁴. Equivale a dizer que “a essa pretensão acrescenta-se outra: não somente um lugar não ideológico, mas este lugar é o de uma ciência, semelhante à de Euclides com referência a geometria, e a de Galileu e Newton, com referência à física e a cosmologia”.³⁵

Daí seja

interessante com essa pretensão, particularmente viva nos mais eleatas dos marxistas, é exatamente a que Aristóteles condenava entre os platônicos de seu tempo, em matéria de ética e de política, a qual

³² RICOEUR, Paul: *Op. cit.*, p. 75.

³³ *Idem, ibidem.*

³⁴ *Idem*, p. 65.

³⁵ *Idem*, p. 72.

opunha o pluralismo dos métodos e dos graus de rigor e de verdade. Ora, possuímos razões novas para justificar esse pluralismo, razões que deve a toda reflexão moderna sobre a condição propriamente histórica da compreensão da história. Esta simples observação antecipa todo um desenvolvimento, deixa pressentir que a natureza da relação entre ciência e ideologia depende tanto do sentido que possamos dar a noção de ciência nas matérias práticas e políticas quanto do que possamos dar a própria ideologia.³⁶

Eis o motivo pelo qual não podemos mais opor hermenêutica e crítica das ideologias. Porque “a crítica da ideologia é o atalho que a compreensão de si deve necessariamente tomar, caso esta deixe formar pela coisa do texto, e não pelos preconceitos do leitor”.³⁷ Dito de outra maneira, “o distanciamento é a condição da compreensão”.³⁸

Todavia, “um discurso não ideológico sobre a ideologia esbarra, aqui, na impossibilidade de atingir um real social anterior a simbolização”.³⁹ Daí a necessidade de compreensão do fenômeno ideológico, enquanto representação do vínculo social posteriormente a sua constituição simbólica. A ideia de uma transparência não se encontra atrás de nós, na origem, mas diante de nós, no término de processo histórico, talvez interminável.

Segundo Ricoeur “precisamos ter a coragem de concluir que a separação da ciência da ideologia constitui em si mesma, a ideia-limite, o

³⁶ *Idem*, p. 65-66.

³⁷ *Idem*, p. 59.

³⁸ *Idem, ibidem*.

³⁹ *Idem*, p. 84.

limite de um trabalho interno de demarcação, e que não dispomos atualmente de uma noção não ideológica da gênese da ideologia”.⁴⁰

Fazendo minhas as palavras de Ricoeur,

não somente devemos ter presente no espírito o caráter indistintamente ideológico ou utópico do interesse funda a crítica da ideologia, mas precisamos também, e mais ainda, ter presente no espírito que tal interesse está organicamente vinculado aos outros interesses descritos na teoria: interesse pela dominação material e pela manipulação aplicada às coisas e aos homens; interesse pela comunicação histórica, fundado pela compreensão das heranças culturais.⁴¹

Por fim, “o interesse pela emancipação nunca opera por um corte total do interesse, corte susceptível de introduzir, no nível do saber, um verdadeiro corte epistemológico”.⁴²

CONCLUSÃO

Em linhas gerais, a guisa de conclusão, o que entendemos por “abertura epistemológica” ou “reconstrução” da Teoria da Ideologia em Paul Ricoeur?

⁴⁰ *Idem, ibidem.*

⁴¹ *Idem, p. 94.*

⁴² *Idem, ibidem.*

Antes de tudo, Paul Ricoeur elaborou com muita razão que uma das contribuições fundamentais de Marx foi a de ter colocado em crise a filosofia clássica alemã pelo seu caráter tautológico e apologético em relação ao real. Não obstante, Ricoeur não faz do marxismo um dogma, pelo contrário, libera o marxismo das amarras doutrinárias que sempre foi mantido; reconquista a metodologia complexiva que Marx propõe, sem segui-la nem tampouco combatê-la, mas “cruzando-a”.

Significa que “não compete mais ao marxismo parar a reação em cadeia, por causa do fenômeno fundamental, por causa do fenômeno fundamental de desintegração da unidade cultural e espiritual que lança todo discurso em guerra contra todo discurso”⁴³. Ricoeur, nessa perspectiva, rearticula a união com a história do pensamento e instaura novas abordagens da Teoria da Ideologia na dimensão da pesquisa social moderna.

As ideologias são, em Ricoeur, como “motivações-anteparo” diante dos neoconflitos das sociedades industriais ditas avançadas. O que há nelas é “ausência de projeto coletivo”⁴⁴ pelo fato de dissimularem a dimensão da linguagem enquanto comunicação sem limite e sem coação”⁴⁵. Eis a razão pela qual a Teoria Social não poder desvincular-se por completo da condição ideológica: “nem pode efetuar a reflexão total, nem tampouco aceder ao ponto de vista capaz de exprimir a totalidade que a subtrairia à mediação ideológica, a que estão submetidos os outros membros do grupo social”.⁴⁶

Portanto, a tarefa fundamental da reflexão filosófica consiste em colocar ao abrigo das oposições dissimuladoras o interesse pela emancipação das heranças culturais e históricas assimiladas e o interesse

⁴³ *Idem*, p. 88.

⁴⁴ *Idem*, p. 150.

⁴⁵ *Idem*, p. 129.

⁴⁶ *Idem*, p. 86.

pelas neo-projeções de uma humanidade redimensionada: “se esses interesses se separarem radicalmente, a hermenêutica e a crítica ficarão reduzidas a meras ideologias”⁴⁷, conclui Paul Ricoeur.

REFERÊNCIAS

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência enquanto ideologia*. Tradução Zejiko Loparić e André Maria Altino de Campos Loparić. In: Benjamin, Walter *et. al.: Textos escolhidos*. Tradução José Lino Grünnewald *et al.* 2. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *The German Ideology*. Third revised edition. Moscow: Progress Publishers, 1976.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, [S.d.]. 2 v.

MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política*. Tradução Maria Helena Barreira Alves. Lisboa: Estampa, 1977; Mandacaru, São Paulo, 1989.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Tradução e apresentação Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. Organização, tradução e apresentação. Hilton Japiassu. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

⁴⁷ *Idem*, p. 146.